

Redacção, Administração, Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.ª andar
LISBOA - PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Officinas de Impressão e Estereotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras. Não se devolvem os originais. Os artigos publicados são responsabilidade dos seus autores.

A BATALHA

Director: JOSÉ S. SANTOS ARRANHA
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
Assinatura: Incluindo o suplemento semanal, Lisboa, 600\$00; Província, 300\$00; Estrangeiro, 600\$00.
PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VII — N.º 2065

QUARTA FEIRA, 26 DE AGOSTO DE 1925

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VII — N.º 2065

A baixa dos salários

Quando a crise de trabalho se tornou mais sensível, nós vislumbramos e denunciámos o que à sombra dela a rapinância industrial procuraria obter. Já então nos apercebíamos que o industrial, inveterado o hábito de arrecadar muito com pequeno empenho, não via com bons olhos o equilíbrio em que, à custa de inumeráveis esforços, o operariado mantinha os seus lares.

E quando o problema carestia da vida era posto em equação, não raro apareciam alguns enfatuados economistas da última hora a afirmar, doutrinariamente que o primeiro factor concorrente para a alta era o operário, com as suas exigências de mais salário.

Várias vezes — e sem grande esforço — demonstrámos a insubsistência de tão insidiosa afirmação, provando que só quando o custo da vida saía do seu leito normal e se elevou a 30 por cento o operariado começou a agir, conquistando mais salário. E daí para cá, ninguém honestamente poderá provar que o salário de qualquer operário é suficiente para conseguir-se atender, como antes, às necessidades de habitação, indumentária e alimentação.

O industrialismo e o comércio coligados, aqueles mesmos que hoje ostentam as suas provocantes fortunas amassadas na miséria pública, estão descobrindo os seus objectivos de ver o operário, o produtor das suas riquezas, reduzido à mais infima situação de escravo, sem pão e sem direitos.

Esboçam-se já, através do país, movimentos de resistência dos industriais contra os salários que, de há muito tempo já, se mantêm escalfatórios. Porquê? Em que se fundam essas atitudes?

A oscilação cambial, a pretensa valorização do escudo — nós sentimo-lo — nada tem beneficiado o preço dos comestíveis, dado que, num jogo macabro, uns diminuíam para outros subir e vice-versa.

As indústrias comportam bem os actuais salários, posto que não diminuíam sensivelmente o preço dos artefactos. E a corteza de vistas dos nossos industriais não se apercebe de que, estando já hoje o produtor coibido de consumir tudo quanto necessita, o diminuir-lhe os proventos equivale a roubar-lhe mais ainda a capacidade de compra e, por consequência, a agravar ainda mais a crise já pavorosa.

Salientam-se neste momento os industriais da cortiça. Nós sabemos a facilidade com que, na pequena e grande fabricação desta indústria, alguns indivíduos de pobres se tornaram remediados e de remediados ricos. E a Associação Industrial Portuguesa, esse organismo austero de ordem, que ensaiando a baixa — não do custo da vida, a baixa de salários, incita os industriais corticeiros a forçarem os seus operários a aceitá-la, alegando dificuldades de exportação e outros pretextos facilmente refutáveis.

Os dramas do alcool

NEW YORK, 25. — No hospital desta cidade faleceram 3 homens e 1 mulher envenenados por whisky, que a polícia afirma ser fabricado em New York.

O general Lincoln, director da policia prohibitionista, dirigiu um manifesto ao publico apresentando aqueles falecimentos como a mais flagrante prova dos perigos dos licorres sintéticos.

Em tempo de paz...

NEW YORK, 25. — Num campo de manobras de Illinois a explosão dum morteiro de trincheira vitimou 5 soldados e 1 oficial.

O Congresso Internacional Socialista

WASHINGTON, 25. — No Congresso Socialista Internacional reunido em Iquitos foi votada uma moção em que se defende a necessidade da entrada na Sociedade das Nações da Rússia, da Alemanha e dos Estados Unidos.

AINDA E SEMPRE AS DEPORTAÇÕES

Não há nada que justifique a inacção do presidente do ministério. Justiça, dr. sr. Domingos Pereira!

Vão-se passando os dias e as semanas sem que o governo, sem que o presidente do ministério tome sobre este pavoroso caso das deportações uma atitude digna. Passam-se os dias uns a seguir aos outros, rolam as semanas umas sobre as outras e o presidente do ministério (parodiando *A Lágrima de Junqueiro*...) vai dizendo que sim e mais que também — e continua a *quedar-se silencioso*...

S. Ex.ª é procurado por comissões do Secretariado de Assistência Jurídica da C. G. T. S. Ex.ª é procurado por outras comissões de operários. S. Ex.ª é procurado pelas famílias das vítimas do acto arbitrário de Vitorino Guimarães. S. Ex.ª responde invariavelmente que é contrário a estas medidas excepcionais, que não foi ele quem mandou para a África, sem julgamento, aquele punhado de homens e que vai estudar o assunto para tomar uma resolução definitiva. E o tempo passa, passa, vai passando... e S. Ex.ª *quedar-se silencioso*...

Vêm notícias que agravam a infâmia, chegam novas de que os deportados adoecem, se enchem de febres, de que morrem, mas novas que lançam a dor, o luto e a revolta em várias famílias. Morreram inocentes? Morreram culpados? Sabe-se lá! E S. Ex.ª *quedar-se silencioso*...

Agrava-se a infâmia, sobe de ponto o desespero, alucinam-se almas, enervam-se classes, aumentam os protestos, há mais almas, mais bocas a reclamar justiça, a pedir legalidade, a implorar respeito, a suplicar humanidade, a exigir reparação. E S. Ex.ª, que se julga justo, que se pofa de sentimental, que se sente democrata e respeitador da lei, a quem repugnaram situações de excepção que não criou e para as quais não contribuiu — *quedar-se silencioso* e inerte, sem tomar uma atitude, a única que se impõe...

Passam os dias, rolam as semanas umas sobre as outras, e o presidente do ministério faz a sua vida costumeira — come, bebe, trabalha, dorme — como se nada se estivesse passando à sua roda. Dorme tranquilamente e dorme assim porque — conversa ele com a sua consciência como o diz e o repete a quem o procura — não foi ele quem para lá os mandou... (aos deportados)!

Cômica e bizarra doutrina que se pode traduzir por esta fórmula popular: *«Quem as fez que as desfaca...»* E, como não foi ele quem fez esta vergonhosa carapata — que desanda em trágica e criminoso acção — o sr. Vitorino Guimarães (quando voltar ao poder...) que a desfaca, se ainda tiver que desfazer...

E, perante esta cômica doutrina, o dr. sr.

Domingos Pereira sente satisfeita a sua consciência de cidadão e de homem, *quedar-se silencioso* e... dorme tranquilamente, como um justo. Até que os factos o façam falar. Até que o acordem. Até que o façam agir.

E não se enerve S. Ex.ª ao ler estas linhas escritas em plena sinceridade e com justos e ponderados motivos. Não se enerve, não se deixe possuir por melindrosos nervos de menina histérica — que os não pode ter um homem público tão consuetudo e que quer a ser, de facto, — *um estadista*.

E que não há nada que possa já justificar a atitude de S. Ex.ª. Nada. Absolutamente nada. O silêncio, a inércia, as hesitações, as demoras, em casos destes — como em outros — representam apenas ou voluntária disposição de colaborar na ilegalidade indecorosa levada a efeito pelo governo dos vitorinos ou fraquesa de ânimo, pusillanidade imprópria dum estadista que se pressa e de um homem da sua envergadura mental e moral.

Se sanciona a infâmia (embora já se tenha declarado contrário a estas medidas excepcionais) diga-o claramente e tome, perante a opinião pública e perante nós, essa posição. Se, ao contrário, discorda da ilegalidade praticada e com ela não deseja solidarizar-se — tome, também, afoitamente, desassombradamente, sem perda de tempo, perante o país, essa atitude honrosa que, só por si, dignifica um homem de governo. Meios termos, atitudes dúbias, equilíbrios, não os admittem casos desta natureza.

Há, entre os deportados, criaturas que se tornaram criminosos de direito comum, que praticaram actos de banditismo, que merecem a repulsa da colectividade? E' possível. Com esses, como já temos tantas vezes dito, não temos nós a menor solidariedade. Mas, sejam eles quem forem, não podiam nem deviam ter sido deportados sem julgamento.

Para esses mesmos — como para quaisquer outros homens — nós exigimos simplesmente — a aplicação da lei.

E é esse o único caminho dignificador para o governo.

E' bem certo que em todos os factos trágicos se encontra, à mistura, uma parcela de cômico ou de grotesco. Aqui, o cômico é sermos nós, os que combatemos a sociedade tal como se encontra organizada e que preconizamos uma sociedade melhor, os que a estamos a defender e a indicar aos governantes — o respeito pela legalidade... E continuaremos até que o sr. presidente do ministério deixe de — *quedar-se silencioso*...

«Julgar os que cometeram crimes, julgar os que foram convenientes com esses crimes, julgar a dar liberdade aos inocentes — é um dever de justiça elemental».

O julgamento rápido — é a solução indicada para este fermento de desespero e não nos parece remédio que um governo, conservador e autocrata que fosse, não pudesse erguer no seu programa de ordem pública.

Alguns conservadores que nós conhecemos são capazes de afirmar que o Diário de Lisboa está vendido ao bolchevismo...

PERSEGUIÇÕES

Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa

Comissão Pró-presos

Reuniu ontem, tendo continuado no estudo da maneira de levar a efeito uma série de conferências sobre a ilegalidade com que foram feitas — e se mantêm ainda — as deportações de vários operários.

Conta esta comissão iniciar estas conferências na próxima semana; antes porém, publicará um manifesto ou uma 2.ª edição da «Carta aberta ao Partido Republicano Português», publicada pela C. G. T. e que tanto êxito causou.

Está esta comissão esperançada em levar a bom termo a sua missão, esperando também que as conferências, assistidas a maior número daqueles que se interessam pelas vidas que — sem julgamento — a reacção atirou para a Guiné.

Aguarda também esta comissão, o resultado da revisão dos processos, trabalho este atribuído ao dr. Barbosa Viana, mas recia que a sua morosidade vá a produzir reabilitações quando os deportados estiverem todos mortos.

Esta comissão volta a reunir na próxima sexta-feira.

Rurais de Vendas Novas

Reunidos em assembleia geral no seu sindicato aprovaram uma moção de protesto contra as deportações, cujas conclusões são: «1.º Dar o seu incondicional apoio à C. G. T. 2.º Acatar todas as suas resoluções pró regresso imediato dos operários deportados e seu julgamento nos tribunais regulares, para apuramento de responsabilidades».

S. U. C. Civil de Sintra

Em assembleia geral foi aprovado um protesto contra as ilegais e iníquas deportações ordenadas pelo governo Vitorino Guimarães.

Let o Suplemento de A BATALHA

A atitude da Federação Marítima

e a pouca elevação com que a trata os seus dirigentes

Não acusa quem quer. Só o pode fazer quem, pelo seu procedimento, conquistou esse direito.

Os inimigos da C. G. T. acusam os seus militantes de usarem processos indecorosos na defesa dos pontos de vista da maioria da organização operária. Basta analisar os processos usados pelos acusadores para se concluir que eles nada têm de honestos, para se reconhecer que se premeitou o aniquilamento moral de militantes que se têm sacrificado pela organização operária.

Vêm estas considerações a propósito do que se passou na última assembleia do Sindicato dos Descarregadores de Mar e Terra. Manuel Rodrigues fez, nela, um esforço desesperado para denegrir a reputação moral dos militantes da C. G. T. classificando-os de dogmáticos e de «arrangistas». E quando se referiu à sua moção saiu-se com esta afirmação imprópria dum sindicalista, só afirmado dum partidário da ditadura: «Se eu quizesse ver a minha moção aprovada por unanimidade, não tinha deixado os corpos gerentes do sindicato.» Isto ouve-se e não se acredita.

Assim é-me que haja audácia suficiente para assim se ofender a dignidade dos componentes do sindicato.

E' curiosa a maneira como se votou a moção sortando relações com a C. G. T. A votação fez-se por aclamação: quem aprovava erguia os braços. E eu vi uma boa meia dúzia de votantes com os dois braços levantados, dando assim a impressão de existir uma maioria razoável, pois, por este processo houve indivíduos que deram 2 votos, quando só podiam dar 1.

Serão estes os processos honestos que os inimigos da C. G. T. empregam para a atacar? E é deste modo que eles querem que sobre «uma rajada de bom senso» que há de varrer a maioria confederal?

Não nos esqueçamos de dizer nesta assembleia que é necessário proceder-se com mais dignidade com os nossos inimigos para os podermos atacar.

M. Silva CAMPOS
Delegado da C. G. T.
do Sindicato dos Descarregadores de Mar e Terra

No Sindicato dos Descarregadores do Mar e Terra

Na sexta-feira da semana transacta iniciou-se no Sindicato dos Descarregadores de Mar e Terra a discussão sobre a atitude hostil que a Federação Marítima assumiu para com a C. G. T.

Falou em primeiro lugar Manuel Rodrigues, delegado do sindicato à Federação Marítima, que depois de feito a leitura do relatório que este organismo aprovou sortando relações com a C. G. T., se espraçou em largas considerações sobre a acção dos partidários da I. S. V. afirmou que estes últimos eram constantemente envenalhados pelos delegados ao Conselho Confederal que não são partidários de Moscúvia.

Salvador Lamego, delegado da Federação Marítima, fala na mesma ordem de ideias do orador antecedente e afirma que os que atacam os militantes marítimos atacam a organização marítima a que eles pertencem. A maioria que predomina no Conselho Confederal levou a sua intolerância até não consentir que os minoritários apresentassem os seus pontos de vista. Procedeu-se então a uma discussão de políticos os minoritários Joaquim Tomé Lopes, que fala a seguir, defende a unidade operária, sendo da opinião que o sindicato se deve manter federado e confederado.

Segue-se-lhe o delegado da C. G. T. que começa por expor a maneira como são constituídas as maiorias e as minorias. Os ataques e as insidias lançadas contra a maioria só demonstram a vontade que a maioria possui de destruir a organização operária. Rebate as afirmações produzidas por Salvador Lamego e afirma que os partidários de Moscúvia, quando dizem que não são contra a C. G. T. mas contra a maioria confederal, faltam à verdade.

Refere-se à campanha caluniosa de *O Marítimo* contra a C. G. T., campanha feita por quem sabia o que se passava dentro da Central Operária, revelando assim que mentia e deturpava os factos propositalmente. Durante muito tempo *A Batalha* não se referiu aos partidários da I. S. V., nem respondeu aos seus ataques sistematicos.

Os minoritários queixam-se da maioria acusando-a de os desconsiderar recebendo com desdém ou com rudeza as suas propostas. Não têm razão, pois muitas vezes procederam com a incorrecção que assacam a maioria. De resto quando se não tratava de questões de tendência maioria e minoria estavam quasi sempre em concordância.

Manuel Rodrigues que volta a falar ataca violentamente a C. G. T. e *A Batalha*, terminando por apresentar uma moção para que o sindicato sancione a atitude da Federação Marítima, desligando-se da C. G. T.

A sessão foi nessa altura suspensa devido ao adiantado da hora, reabrindo anteontem com a discussão da moção de Manuel Rodrigues.

O delegado da C. G. T. refuta as acusações que a este organismo são feitas pelos seus inimigos, criticando largamente a especulação que se tem pretendido fazer em torno do Conselho Jurídico.

UM DOCUMENTO SENSACIONAL

Abd-el-Krim, o famoso chefe rifenho dirige-se à Câmara dos Deputados francesa

A BATALHA publica hoje integralmente esse documento celebre que Painlevé diz não ter recebido e no qual se destroem várias mentiras que o governo francês espalhou na imprensa mundial

No domingo passado, dia 23, *A Batalha* publicou um telegrama sobre a guerra de Marrocos dizendo que Abd-el-Krim dirigira uma carta ao Parlamento francês reclamando a independência completa do Rif.

O governo francês nega em absoluto ter recebido qualquer missiva do caudilho rifenho.

Não nos compete a nós procurar compreender as razões desta ridícula negação. No entanto, ao sabermos que essa carta tinha sido tornada pública em alguns jornais estrangeiros não podemos de forma alguma deixar de a transcrever também, para que o operariado português possa fazer uma ideia justa e exacta da forma aviltante como os imperialistas franceses têm agido para com esse glorioso povo berbere que tão denodadamente tem lutado pela sua independência.

A tradução que a seguir damos poderá talvez apresentar algumas diferenças do original, mas na sua essência não poderá ser alvo de qualquer discussão. Se algumas diferenças houver, isso é simplesmente devido a que o texto original é berbere, tendo sido depois traduzido para inglês, donde o traduzimos para a nossa língua. Deixamos, pois, aos intermediários ingleses a responsabilidade de qualquer alteração — aliás pouco provável — que possa ter havido na tradução da mensagem de Abd-el-Krim.

Dito isto, eis o que o chefe rifenho escreveu:

Carta de Abd-el-Krim, El Khattabi, ao Parlamento francês

Temos a honra de submeter à vossa apreciação o seguinte memorando dirigido à Câmara dos deputados da Nação francesa. Tem ele por fim, não só expressar, aos conceituados representantes, os nossos respeitáveis sentimentos, mas também levar ao seu conhecimento o nosso ressentimento pelas imputações que nos foram atribuídas por s. ex.ª o marechal Lyautey, bem como pela imprensa francesa que espalhou inúmeros boatos com o fim de desacreditar a nossa reputação e a nossa honra.

Na verdade, é-nos bastante penoso, ler nos jornais de Paris e da parte de alguns dos principais homens de Estado do vosso país, os desmentidos vergonhosos dos seus relatórios e da sua correspondência conosco, assim como os da recusa em nos conceder uma entrevista em Paris, no ano de 1923.

Pelo contrário, nós correspondemos-nos com o sr. Painlevé e indirectamente falamos com o sr. Poincaré, exprimindo tanto a um como a outro, os nossos sentimentos para com a França que, segundo a nossa forma de pensar, devia ser a primeira a defender as nossas reivindicações e reconhecer os nossos direitos nacionais, sem os quais nós é impossível viver.

Por várias vezes nos correspondemos com o marechal Lyautey; enviamos-lhe mensagens com o único fim de conseguir um acordo. Nós estimamos bastante o marechal e o seu governo do Marrocos francês; infelizmente ele nunca nos quis ouvir, assim como não quis receber os nossos mensageiros senão com o maior dos desprêzos.

Percebeu-nos, desde o primeiro momento que tivemos de entrar em contacto com o marechal, que este não nos olhava duma forma muito cativante e que nos tratava com desdém, apesar dos nossos esforços para obter uma conciliação e do nosso inenso desejo de entrarmos em boas relações com a República Francesa.

Quando, no princípio do ano passado, tivemos conhecimento da decisão do marechal Lyautey de aumentar as suas forças na região de Ouergha, enviamos imediatamente um mensageiro a Fez para lhe pedir uma explicação. Mas o resultado desta «marche», assim como todos os nossos esforços anteriores baseados nos métodos pacíficos das nossas conversações e da nossa correspondência com os ministros, foi negativo.

O exército francês avançou na região de El-Jaya e dos Beni-Zerouals e af estabeleceu postos fortificados. A pesar-disso, nós contamos ainda com a paz, até ao momento em que notámos, este ano, que o marechal Lyautey tinha a intenção de invadir o Rif e a ambição de anexar o nosso país à zona francesa. Durante esse tempo, o marechal Lyautey não cessara de excitar as tribus contra nós, encorajando-as a atacar-nos directamente.

Estes actos do marechal indicavam-nos apenas um caminho: o de pegar em armas contra os vossos soldados e o de defender a liberdade do nosso país como sempre o fizemos. O marechal Lyautey, desdenhando os direitos dum pequena nação, apoiou-se na força, esquecendo que a vitória vai sempre para aqueles que combatem pela justiça e pela defesa da sua honra. Mas com o de-

derados. O aumento da cota obedeceu a intintos divisionistas.

Terminou apelando para todos os presentes a fim de não esquecerem o que acabaram de ouvir. Mais tarde há de reconhecer que contra a C. G. T. se fez uma campanha de insidias, de alevoias e de calúnias.

Manuel Rodrigues voltou a falar tentando, sem resultado, destruir a exposição clara e desassombrada feita pelo delegado da C. G. T.

Joaquim Tomé Lopes apresenta uma moção propondo que o Sindicato mantenha a sua adesão à C. G. T. e à Federação Marítima, salvaguardando assim a unidade operária.

A seguir procede-se à votação da moção de Manuel Rodrigues que é aprovada por uma pequena maioria.

correr dos tempos as nuvens da mentira desaparecerão e o sol da verdade brilhará. Somos acusados de sermos rebeldes, mas nós combatemos pelo nosso próprio país. Também, no dia de ontem, não fostes vós próprios, os primeiros a pegar em armas para defender a liberdade do vosso solo e a vossa herança?

Somos acusados de nos termos servido da guerra como passatempo, mas calúnias como esta não merecem contradicção.

Nós proclamamos o nosso desejo de viver em paz e de desenvolver as riquezas do nosso país para benefício dos seus habitantes.

Nós enviamos o nosso irmão e os nossos ministros a Paris, porque esta cidade é o berço da liberdade, a capital da igualdade, a mãe da civilização moderna e porque esperávamos que a nobre nação francesa que freqüentemente protege os fracos e os aflitos, reconheceria o direito do Rif viver como uma nação livre. O nosso fim, o nosso princípio, o nosso ideal, é a paz e a independência.

As guerras em que entramos no passado, e as em que estamos hoje comprometidos foram-nos impostas. Ainda mal tinhamos chegado ao ponto de nos libertarmos da Espanha, eis que fomos atacados pela França. Nós dirigimo-nos à nação francesa para que ela mande sustar este massacre insensato dum pequena nação que prefere morrer a submeter-se.

O nosso país sempre foi vítima de difamações e de relatórios inexactos.

Nós não possuímos jornais para expormos a nossa causa e dizer a verdade; os poucos correspondentes americanos que visitaram o nosso país confirmaram as nossas próprias declarações, isto é, que nós não temos nenhuma ajuda estrangeira nem bolchevista na nossa vishnaga.

O Coran e o bolchevismo não podem andar ligados. Nós e só nós, os administradores e fiscalizadores os nossos assuntos civis e militares.

Certamente, se nós possuíssemos jornais ou deputados na Câmara, a França não poderia ter feito ouvidos de mercador aos nossos pedidos e teria respondido com justiça aos nossos apêlos. Mais uma vez proclamamos o nosso desejo de viver em paz com a nação francesa e terminamos a nossa petição, rogando à Câmara dos Deputados francesa que aceite as nossas homenagens e as nossas saudações amigáveis.

Salaams!
Escrito no quartel geral do «front» suu, 25 Zil-Kuad 1343.

Mohammed Ihu Abdul Krim
El Khattabi

A propósito da suposta louca renovam-se afirmações e fazem-se revelações interessantes

Como devem os nossos leitores estar lembrados há dias, a propósito do internamento no Hospital Miguel Bombarda duma criatura de Faro, que é voz corrente nesta louca, recebemos do director do referido Manicómio uma carta que publicamos na integra.

Nessa carta protestava-se contra as afirmações que anteriormente fizéramos acerca dos abusos que os dirigentes destes estabelecimentos, em regra, exercem sobre os loucos e muito principalmente sobre pessoas lúcidas que interesses inconfessáveis arremessam para aquelas casas de tortura.

Respondemos dessa vez que sabíamos muito bem com que linhas coziámos o nosso pano quando nos abalaçámos a fazer tão melindrosas afirmações, que as manteríamos porque o dr. Sobral Cid, director do Manicómio Bombarda, sabia muito bem as razões porque nós mantínhamos a nossa atitude. E a direcção do referido Manicómio não voltou a importunar-nos... Foi pena.

Entretanto, um empregado dos hospitais, cujo nome não publicamos para não o expor às fúrias perseguidoras dos seus superiores escreveu-nos uma longa carta reforçando as nossas opiniões e citando-nos até alguns pormenores que ainda desconhecíamos.

Fica no nosso arquivo essa carta. Porém não resistimos à tentação de aludirmos publicamente a algumas das suas passagens. Diz o nosso amavel informador:

«A que obedece o internamento de certas criaturas que nunca deram um indicio sequer de alienação mental?»

Pregunto: de que doenças padecia os internados João Primo e Boaventura da Costa Barbosa, por exemplo, que tomaram a inteligente resolução de fugir e se encontraram casados, governando ajuizadamente, a sua vida?»

Estas perguntas indiscretas pedem uma resposta, não da nossa parte, mas da direcção do Manicómio que tanto se abespinho com o relato de *A Batalha*.

Noutro período refere-se ainda o nosso informador a certas «criaturas» que, encontrando-se em seu perfeito juízo, são internadas como loucas a fim de se escaparem à acção da justiça. Os desfalques parece que produzem muitas alienações mentais...

Alude também o empregado que nos escreve ao regime torturante que estão submetidos os empregados, trabalhando excessivamente.

A ACTUALIDADE NO ESTRANGEIRO

NA INDIA

Vive-se na escravidão

Na Conferência Internacional do Trabalho de Genebra tomou parte um delegado da Índia, Chamanlal, que dirigindo-se ao delegado inglês presente, declarou que a Índia era um país de escravos.

Afirmou que um terço dos indígenas indianos vivem sob o sistema dos trabalhos forçados; homens e mulheres que trabalham nas minas de carvão recebem salários miseráveis.

Depois do seu discurso, Chamanlal apresentou o que é o «Bureau» Internacional do Trabalho, tencionando fazer, em face da sua exposição, mas ainda até à data não lhe foi dada uma resposta satisfatória.

NA HUNGRIA

Um concurso para carrasco

A um anúncio publicado pelo governo de Hungria para preenchimento dum lugar de executor público, corresponderam quinhentas pessoas, entre elas três mulheres.

Um dos concorrentes apresentou como atestado de habilitação o facto de ter tomado parte nos Estados Unidos em 25 linchamentos.

A pesar-disso não foi aceite, certamente, por ainda haver outros que melhores certificados apresentaram.

EM CANTÃO

A situação continua gravíssima

LONDRES, 22.—A situação criada no Foreign Office pela decisão do governo de Cantão em proibir o acesso aos portos chineses, é tida como gravíssima.

Há quem queira fazer acreditar que se trata duma medida tomada, unicamente, sob a responsabilidade das autoridades da República do Sul que, oficialmente, não está reconhecida pelas potências.

Mas, como diz o «Daily Telegraph» este governo não tem nenhum apoio e a sua acção deveria naturalmente ficar sem efeito.

O que fará, nestas condições, o gabinete de Londres?

Segundo o mesmo jornal, este poderá apelar para a Sociedade das Nações da qual é membro o governo de Pequim, ou então reunir uma conferência da qual fariam parte a Inglaterra, o Japão ou América ou ainda, consultar as nove potências signatárias do tratado de Washington.

No entanto, por agora, nada se deixa prever qual será a atitude da Inglaterra.

Apenas se sabe que Chamberlain, que estava em férias, voltou repentinamente para Londres.

Também dizem que este ministro considera a atitude do governo de Cantão como uma violação do direito internacional que afecta as marinhas mercantes de todos os países. As mesmas fontes de informação dizem que ele já entrou em relações com os governos interessados para emprender, se for possível, uma acção comum contra o governo de Cantão.

No entanto, os prejuízos que atingem o comércio britânico, causados pela interdição feita aos navios ingleses de entrarem nos portos chineses, são consideráveis, segundo confessam os relatórios dos agentes consulares dirigidos ao Foreign Office.

Em Hong-Kong o comércio é imensamente prejudicado com a «boy-cottage» aos produtos britânicos.

LONDRES, 22.—Dizem de Hong-Kong que o «boy-cottage» aos produtos britânicos não tem tendência para diminuir.

Este estado de coisas custa, em Hong-Kong, mais de 240.000 libras por dia ao comércio e inúmeras casas estrangeiras tiveram que despedir uma parte do seu pessoal.

Ferrovias do Estado

A Comissão de Melhoramentos das ferrovias do Estado por intermédio do chefe de gabinete do presidente do Ministério fez, ontem entrega das cópias das reclamações já em poder do ministro do Comércio, ficando incumbido o chefe do gabinete da Presidência de pedir ao titular da pasta uma audiência a fim de ser ouvida a respectiva comissão.

Também foi entregue a cópia das mesmas reclamações na administração geral dos caminhos de ferro do Estado e sua direcção.

Logo que regressar do Norte o ministro do Comércio, esta comissão encetará as suas demarches.

ESPERANTO

«Nova Voz».—(Sociedade Esperantista Operária).—Reúne hoje a assembleia geral às 21 horas.

Encontra-se aberta a inscrição para o novo curso elementar. Quem o desejar pode inscrever-se todas as segundas, quartas e quintas-feiras, das 21 às 23 horas, na rua do Mundo, 81, 2.º

DESFAZENDO UMA ATOARDA

O dr. sr. Mário Monteiro enviou-nos cópia da carta que escreveu a António Carreira, preso na cadeia de Santa Cruz, acerca da questão que com o título acima aqui tratamos. Lamentamos que ela seja muito extensa, pois que a falta de espaço nos impede de a transcrever na íntegra, como seria nosso desejo.

Nela o dr. sr. Mário Monteiro faz sentir a António Carreira a sua falta de coerência pois com as suas primeiras afirmações deu origem à acusação contra Manuel Ramos e depois apareceu com uma atitude hesitante, titubearando em vez de manter o que tinha dito.

sivamente, enquanto no estrangeiro existe em trabalhos idênticos o regime das oito horas.

«Cerca da má situação do pessoal muito hábil. Neste artigo, porém limitamo-nos a tratar do assunto igualmente importante do internamento de pessoas lúcidas em hospitais de loucos.

E porque sabemos que iniquidades desta natureza se produzem com frequência e ainda pelo que o nosso correspondente de Faro nos comunica acerca do internamento de Maria Tereza Reis, que é voz corrente não estar doida, continuaremos a aludir a estas questões que a Direcção do Manicómio Bombarda não gosta de ver discutidas nas colunas dos jornais.

CARTA DO PORTO NOS ARMAZENS DA SERRA DO PILAR

O pessoal é tratado como escravos numa roça

Na Serra do Pilar, existem uns armazéns de vinhos, pertencentes a um tal sr. Correia Ribeiro.

Na casa deste senhor, como em geral na de todos os industriais da sua igualha, campeia a maior exploração sobre uns 17 trabalhadores e taneiros que lá se depauperam diariamente.

Para eles recai todo o desprêso, sobre-saindo-se nos vexames impostos o sr. Pinheiro, guarda-livros e gerente daquelas galés vinícolas.

Como é de calcular, os srs. Correia Ribeiro e Pinheiro desdenham também do cumprimento do horário do trabalho, não só porque o delegado do governo não se preocupa e ele lá sabe porque—com a respectiva lei, como também porque os próprios interessados se conservam numa confrangedora pusilanimidade.

Há dias na semana que o tempo de trabalho principia às 7 e termina às 18 horas; noutros, o labor tem começo pelas 8 horas para finalizar às 18 e meia, 19 ou quando lhes der na veneta...

O horário de trabalho é, pois, *à la diable*, sem qualquer remuneração extraordinária. No entanto, o guarda-livros referido, criatura de poucos sentimentos humanos, não pode deixar de, ainda para maior agravamento da sovínice horária, exercer as mais injustas e estúpidas represálias, para satisfação dos seus mais instintos: o direito dos outros, a felicidade das outras famílias, são coisas que não lhe merecem o mínimo respeito.

Assim, se qualquer operário não estiver, de manhã, à hora prefixa que ele, por vezes desconhece, visto que o horário não é certo e, portanto, as horas de entrada, como as de saída, são constantemente variáveis conforme as conveniências ou caprichos — o infeliz é castigado e não trabalha dois ou três dias.

A sentença maldosa depende dos bons ou maus humores do tal guarda-livros, com o aplauso franco do negociante-industrial Correia Ribeiro... E ai daquele que, adoece, não o comunique imediatamente às duas omnipotentes criaturas: a ira totaliza a mente e o doente, para efeitos de convalescença «obrigatória», é coagido a estar em folga o tempo que lhes apetece...

Há tempos, um operário não se quis submeter a um vexame, a um martírio moral, físico, foi o bastante, segundo os informes que possuímos, para o patrão José Correia Ribeiro o ameaçar de pôr, a pontapé, fora da porta, depois de o haver insultado. E' claro que o operário observou: «Ihe que isso, sendo uma coisa mais séria, iria um pouquinho mais devagar...»

Tudo isto porque? Porque empregando aquela casa, em tempos, 60 operários, que agora que os 17 fazem tanto, ou mais, que faziam aqueles 60... E como tão estúpida pretensão é difícil de realizar, o Correia Ribeiro e o seu ajudante guarda-livros percorrem os armazéns berrando como possessores e chamando «malandros» aos trabalhadores... Que descaramento têm estes parasitários exploradores!

O sr. Pinheiro tem ao seu serviço um pobre velho de mais de 65 anos, tratando-o como um cão já nas últimas. Obriga-o aos mais árduos trabalhos; e se, apesar de já cansado, ele não trabalha mais do que as suas forças, é ameaçado com o asilo, por se ver que ele tem a situação de asilado. E para que tal não aconteça, o pobre do velho lá vai andando como um escravo e... coberto de bichos...

Tal é a situação económica, profissional e moral que impera nos armazéns, citados da Serra do Pilar e tais são os roceiros Correia Ribeiro e Pinheiro guarda-livros. Duas boas prendas...

C. V. S.

O que se passará na Síria?

Segundo um telegrama enviado de Jerusalém ao «Times» houve em Suída, uma luta entre drusos e cristãos, durante a qual houve inúmeras mortes de parte a parte. Foram enviadas para o local bastantes tropas francesas que procederam a inúmeras prisões.

Segundo o correspondente do «Times», houve negociações entre os drusos e os franceses. Como condição primordial, para estas negociações, os drusos exigiram que fossem postos em liberdade, oito chefes seus que se encontravam sob prisão. Os franceses acederam a esse pedido e os drusos em seguida levantaram o cerco de Suída, tendo os franceses pouco depois recuado para Damas.

LER E ASSINAR

Os Mistérios do Povo AGREMIações VARIAS

Grupo dos nove. — Realizou uma «manifé» no passado domingo, no teatro da Trindade, precedida de uma sessão solene. Do programa constavam a representação de algumas peças, fados, um acto de variedades e fagurismo.

Sociedade Instrução Musical Cruz-Quebradense. — Vem realizando desde 15 até 31 do corrente, no Parque Mira Torres, na Cruz-Quebrada, férias festivas. Do rendimento da tómbola destinam-se 50 % ao futuro hospital de Oeiras e a melhoramentos na Escola Móvel, que funciona na sua sede.

Suplemento semanal ilustrado de «A Batalha»

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa em percalina ilustrada a cores, por Alonzo, contendo um indispensável índice dos variados assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é: 1 volume com 420 páginas, 4\$500.

Encadernação (por capas e índice), 20\$000.

Capas e índice em separado, 1\$500. Pedidos de colecções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Corticeiros de Belém

Reuniu ontem a comissão administrativa da secção sindical dos corticeiros de Belém, juntamente com as comissões de todas as fábricas, para apreciar a baixa de salários proposta pelos industriais à federação.

Resolveu convidar todos os corticeiros da área para uma reunião, hoje, às 17 horas, e, no caso de não comparecer toda a classe, promover a paralisação de todas as fábricas, por meio-dia, amanhã.

Bolsa de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil

Em virtude da crise de trabalho em Lisboa estar aumentando cada vez mais este organismo pede a todos os sindicatos dos arredores que enviem o mais rapidamente possível a lista dos sócios inscritos sem trabalho.

Sindicato Unico Construção Civil

Os delegados que têm tratado da crise de trabalho estiveram anteontem no ministério do Comércio para se informarem sobre as reclamações entregues ao ministério.

O chefe do gabinete disse nada mais poder fazer o ministro quanto às obras do Estado, por não haver orçamento aprovado, e estar limitado aos duodécimos, e pelo que respecta às obras particulares que esse assunto dizia respeito ao ministro do Trabalho.

Ante algumas objecções dos delegados, o chefe do gabinete foi junto do ministro, e, voltando, declarou que a reclamação iria a informar ao administrador dos Edifícios Públicos.

Os delegados recomendarão as suas demarches junto dos ministros do Trabalho e das Finanças e Administrador dos Edifícios Públicos e Câmara Municipal.

DESPORTOS

AUTOMOBILISMO

O II Quilómetro Lançado

O sucesso do 1.º Circuito de Trás-os-Montes, prova difficilissima de percurso e disputada sob uma verdadeira tromba de água, vem mostrar o interesse pelo automobilismo e a pericia dos volantes portugueses.

No II quilómetro lançado uma autentica desforça desportiva alinharão, certamente, não só com os adversários de domingo passado, mas igualmente, com uma grande quantidade de novos inscritos.

O número de inscritos é elevado, sendo natural que alinhem à partida todos os concorrentes da grande prova realizada em Chaves.

Contra a guerra

SINTRA, 23.—O Sindicato Unico da Construção Civil de Sintra, reunido em assembleia geral, votou um protesto contra as guerras, que só beneficiam os «cirineus» da finança.—C.

Secção Telegráfica

Federações

MOBILIARIA

Coimbra.—José da Velha, Augusto Martins e Alfredo da Silva—Pedimos, respondendo com brevidade ao officio enviado.

Guimarães.—S. U. Mobilário—Não demorem a resposta aos officios enviados.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Alberto Silva—Impossível estar amanhã.—Hoje sim.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Lagôa» são hoje expedidas malas postais para a Madeira, pelo paquete «Curvellos» para Pernambuco, Bahia, Pará e Manaus e pelo paquete «Minho» para Cabo Verde, Bissau e Bolama, sendo da Caixa Geral a ultima tiragem da correspondência para estes paquetes às 13 horas e para os registos recebe-se até às 11 horas.

Também pelo paquete «Atia» se expedem malas postais para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires.

As ultimas tiragens são: correspondência ordinária até às 11 horas e para registos até às 9 horas.

Comunistas e nacionalistas

BERLIN, 25.—Em Gelsenkirchen deu-se uma grande desordem entre comunistas e nacionalistas, ficando 7 destes últimos gravemente feridos. Foram presos 30 comunistas.

ACABA DE SAIR

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fugoso escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor. Preço 1\$00.

Pedidos à administração de A Batalha.

A revolução Social e o Sindicalismo

Por Arkinkof. Preço 50¢.

Na Morgue

Cadáver por identificar

Nas obras do Quartel de Engenharia, à Graça, foi acometido de doença súbita um operário que ali andava trabalhando e cuja identidade se desconhece. Transportado numa autocarro da Cruz Vermelha ao Hospital de S. José, chegou ali já morto, pelo que depois de verificado o óbito foi o cadáver removido para a Morgue.

Tentativa de suicidio

A enfermaria de Santo Onofre do Hospital de S. José, deu entrada, Albino Tavares de 43 anos, servicial, natural das Caldas da Rainha, residente na Praça das Amoreiras, 2, 1.º, que na Avenida da Liberdade, tentou suicidar-se.

TEATROS, MÚSICA O ASILO MARIA PIA E CINEMAS

Teatro Apolo

E' amanhã que, sob a direcção de Ilda Stichini e Rafael Marques, reabre este teatro com o comovente e popular drama «O Conde de Monte Cristo», em que estes dois artistas interpretam os principais papéis.

Noticias

Dá hoje o seu ultimo espectáculo em Matosinhos a companhia Lucília Simões—Erico Braga, que volta para a Póvoa de Varzim, onde representará a 27 e 28 e de ali para Espinho, onde dará recitas em 29, 30 e 31 do corrente.

Reclames

O Eden Teatro é, hoje, o teatro preferido do publico, que todas as noites a elegante casa de espectáculos se enche de uma assistência escolhida, que applaude os mais sumptuosos actos da revista fantasia «A cidade onde a gente se aborrece».

HORARIO DE TRABALHO

Na Sociedade das Aguas da Serra, Limit.ª

A exploração de mulheres e menores

SINTRA, 23.—A Sociedade das Aguas da Serra, que fabrica umas laranjadas coradas de cores bizarras, explora vilmente o seu pessoal.

Comete-se ali o barbarismo de fazer trabalhar mulheres e menores durante 10 horas por dia, por um salário de 6\$00.

O industrial prometeu há quatro meses pagar as horas suplementares, mas até hoje ainda não cumpriu isso, que é uma obrigação sua.—C.

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de 50¢.

Ante os sindicatos que desejem adquirir quantidade far-se-há um abatimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de A BATALHA.

Uma greve mineira

LONDRES, 25.—Em consequência do acordo estabelecido entre patrões e os mineiros de antracite, todos os preparativos estão feitos para que o trabalho recomece esta noite.

Rendimentos dos operários

No Banco do Hospital de S. José receberam curativo e recolheram a casa:

Vitorino da Graça, de 32 anos, natural de Tomar, trabalhador, residente na rua das Amoreiras e que nas obras do campo do Lisboa-Benfica naquela rua, foi colhido por uma vagoneta, ficando ferido na mão direita.

Leopoldo Joaquim Damas, de 37 anos, natural de Figueira da Foz, servente de pedreiro, rua do Recolhimento 85 rez do chão que, caiu na abegaria municipal, na Boa Vista, ficando ferido na cabeça.

Heitor da Silva, de 21 anos, serralleiro, natural de Lisboa, rua Sabino de Sousa, 65 eja que na rua do Arco do Cego, foi atingido pela chamma da explosão de um depósito de gasolina de um automóvel, ficando queimado no rosto.

JÁ SAIU A 7.ª SERIE DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico, profundamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00.

A obra mais barata que no género se publica

Aos nossos correspondentes e informadores

A fim de facilitar o serviço de redacção, convém que todos os nossos correspondentes, informadores, sindicatos, etc., aos dirigirem-nos os seus escritos atendam as normas seguintes:

—Escrever dum só lado do papel;
—Não fazer uso de tinta vermelha;
—Deixar, entre as linhas escritas, espaço suficiente para qualquer emenda;
—Expor com clareza os assuntos que se propõem tratar, deixando para a redacção os comentários que julgarmos convenientes.

—Aos comunicados dos sindicatos que não venham carimbados, às notícias dos correspondentes, queixas ou reclamações de particulares não assinadas, não se lhes dará publicidade. A redacção guardará o sigillo de nomes.

TEATRO APOLO

Empresa Luis Ruas, Limit.ª

AMANHÃ, 27

Estreia do popular drama

O Conde de Monte Cristo

Nos principais papéis: Ilda Stichini e Rafael Marques

TEL. N. 314

ÁS 8 3/4

A HERANÇA DO MIUDINHO

Realização do romance de Dickens

«OLIVER TWIST»

interpretada por Jackie Coogan

PENCUDO CHUCHA CALADO

Ciné farça com Larry Semon

RAMBOIA POLICIA

com o célebre chimpanzé Little Nap

UM FILM DE SPORT

UM DOCUMENTÁRIO

Amãhã—MATINEE às 3 horas

ASILO MARIA PIA CONTINUA Á MATROCA

O asilo Maria Pia encontra-se verdadeiramente desmantelado. Esquecem-se os que passam pelo Terreiro do Paço que aquele asilo é um estabelecimento de ensino e tem nomeado para o dirigir em vez de professores, de pedagogos, criaturas das mais dispares profissões. Até lá esteve bastante tempo dirigindo-o um exímio guitarrista! —como se a obra de instrução e de educação dos alunos fôsse susceptível de ser realizada e acompanhada à guitarra...

Os dois indivíduos que actualmente predominam no asilo, nas ausências repetidas do seu actual director interino, quizeram vingar-se nos alunos mais velhos negando-lhes a autorização a passeio no domingo transacto, supondo que tivessem sido eles quem informou A Batalha.

Os alunos há cerca de 4 meses que se encontram quasi descalços. A enfermaria não tem enfermeiro. O que lá existia foi perseguido e suspenso injustamente. Não o substituíram com grave perigo para a vida dos alunos, tendo-se registado um caso fatal de tétano.

As refeições são em resumo: —a fome; a fome com muito toucinho rançoso.

Os castigos corporais são proibidos, o que não impede que o fiscal e os guardas que são da sua feição brutalizem os alunos, agredindo-os sob irrisórios pretextos.

E' lamentável que pessoas sem competência e sem digna conduta moral estejam destruindo caprichosamente a obra que aquele estabelecimento de ensino tem de realizar.

EM MONCHIQUE

Um «honrado» negociante agride um juiz com dois tiros

Em Monchique, reside o carpinteiro Joaquim Andraz Valério, de 50 anos, dali natural e que é presidente da camara, exercendo agora também as funções de juiz de paz, visto o juiz efectivo se encontrar em férias. No dia 24 ultimo, quando se dirigia para casa, foi atingido por dois tiros, um no ventre outro na perna esquerda, disparados por José Ramos, negociante, que tem um processo pendente por furto, mas do qual o sr. Valério não tem tratado, visto ser presentemente o periodo de férias, ignorando por isso o motivo da agressão. Pensado naquela vila, veio para Lisboa, onde chegou ontem, sendo transportado num auto da Cruz Vermelha, ao hospital de S. José, em cujo Banco foi observado pelo cirurgião de serviço, recolhendo depois à enfermaria de Santo Onofre.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anónima—Estatutos de 30 de novembro de 1894

5.º aditamento ao complemento à tarifa especial interna n.º 1 de pequena velocidade

CAPITULO I.—Transportes de resinas de pinheiro, em bruto ou refinadas; borras de resina; breu vegetal ou mineral; colofónia; pez louro ou negro; água-ras; essências de terebentina e terebentina secca, destinados a exportação pela barra de Lisboa (1).

CONCESSÃO ESPECIAL

Aos expedidores que, em seu nome e durante o prazo máximo de um ano, contado da data da primeira remessa, tiverem transportado, ao abrigo da Tarifa Especial n.º 1 de pequena velocidade, remessas de resinas de pinheiro, em bruto ou refinadas; borras de resina; breu vegetal ou mineral; colofónia; pez louro ou negro, por expedições de vagão completo ou pagando como tal e de água-ras, essência de terebentina e terebentina secca, por expedições do peso mínimo de 500 quilogramas ou pagando como tal, expedidas de qualquer estação portuguesa para Lisboa-Cais dos Soldados e suas dependências, Alcantara-Terra ou Mar, Entrepósitos de Santos, Alcantara e de Santa Apolónia e Docas de Santo Amaro, destinados a exportação pela barra de Lisboa, concede esta Companhia, a partir de 1 de Setembro de 1925, nos preços de transporte propriamente ditos, correspondentes ao trajecto das suas linhas, os abatimentos a seguir indicados:

10 % quando tenham atingido o mínimo de 500 toneladas.

15 % quando tenham atingido o mínimo de 1.000 toneladas.

20 % quando tenham atingido o mínimo de 2.000 toneladas.

MARCO POSTAL

Tavira.—Agente.—Recebida liquidação. Evora.—F. R.—Recebidos 67\$00.
Marmeleira.—D. M.—Diário e suplemento pagos até 7 de Setembro: Renovação até ao n.º 3.
Sines.—Agente.—Recebido 112\$20.
São Marcos da Serra.—M. M.—Assinaturas ficam pagas até 31 de Maio.
Mina de São Domingos.—Agente.—Recebida liquidação. Renovação n.º 3 seguem há dias. Recebem?
Coimbra.—Agente.—Recebida liquidação.
Odemira.—Agente.—Recebida liquidação.
Faro.—José Macedo.—Escrevemos nesta data ao agente sobre a venda de A Batalha n.º 1.
Sourel.—J. Parral.—Foi recebido carta e a quantia de 78\$50. Segue carta.

Agenda de ABATALHA

CAMBIOS		
Paises	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	96\$25	96\$30
Madrid cheque	2\$87	
Paris, cheque	94	
Suiza, cheque	3\$87	
Bruxelas cheque	91	
New-York, cheque	19\$95	
Amsterdão, cheque	8\$05	
Háia, cheque	97	
Brasil, cheque	2\$47	
Praga, cheque	4\$59	
Suécia, cheque	5\$36	
Austria, cheque	2\$82	
Berlim, cheque	4\$76	

ESPECTACULOS

TEATROS

São João.—A's 21,30.—Campeonato feminino de futebol.—Variedades.
Politeama.—A's 21,30.—O Leão da Estrela.
Hípico.—A's 21,30.—O menino do Castelo.
Fem.—A's 21,30.—A cidade onde a gente se aborrece.
Hércules.—A's 20,30 e 22,30.—Raiapana.
Castro da Sinta.—A's 21,30.—Concerto pelo teatro popular.
Jurema.—A's 21,30.—Imagem e a Glória.
Teatro São.—A's 20,30.—Variedades.
F. V. (F. V. de Graça).—A's 20.—Animatografado.
Teatro Lido.—Lidas as noites.—Concertos e variedades.
CINEMAS
Olympia.—Chilão Tarras.—Salão Central.—Cinema.
Condes.—Salão Ideal.—Salão Lisboa.—Sociedade Pro.
Molitor.—Educador Popular.—Cine Paris.—Cine Est.
Estrela.—Chilão Tarras.—1 vol.—Lentis.

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metal Auer, assim como todas as pedras nacionais, tubos, moedas, chameiros de 2 e 3 peças, lampiões. Vendemos no Largo do Conde Barão, n.º 170 e 172, e quicose. Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata, n.º 170, a casa que fornece em melhores condições.

LIMAS NACIONAIS

Se a grande falta de progressão tem vindo a fazer-se sentir em todas as indústrias, visto que as limas nacionais são a base de todas as indústrias, a falta de limas nacionais é uma grande falta. Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata, n.º 170, a casa que fornece em melhores condições.

FABRICA

deletrilhos, mosaicos, azulejos, cimento.
GOARMON & C.
Travessa do Corpo Santo, 17 a 19
—TELEF. C. 1244—LISBOA—

FATOS COMPLETOS E SOBRETUDOS

em boas fazendas de lã 159\$00
em boas fazendas de lã com bons forros desde 169\$00
CAPAS ALENTEJANAS desde 199\$00
CALÇAS desde 40\$00
ABATIMENTOS PARA REVENDA
O CHAVES DO CONDE BARÃO
170, Rua da Boavista, 172

OS MISTERIOS DO POVO

por milhares de camponeses armados e pelas milícias burguesas, esmagavam as tropas reais; aproveitando o entusiasmo das populações, não menos exasperadas contra os senhores, Carlos de Navarra expulsava o estrangeiro do solo da Gália, e subia ao trono no meio das aclamações do povo que governava, submetido ele próprio a autoridade das assembleias nacionais!
—Sim, tal podia ser a gloriosa missão de Carlos o Mau; esta missão podia ainda pertencer-lhe, se tivesse a coragem, a sabedoria, a lealdade de se votar corpo e alma a tão nobre fim; demonstrar-te-hei isto bem depressa... Porém agora nas disposições incertas em que o deixei, ele não é, assim como nós, senão um rebelde à autoridade do regente. Este é poderoso, e comanda forças consideráveis; tem por si a tradição monárquica, que aos olhos do povo, perde-se nas noites do tempo; tem por si o seu nome real, a corte, os cortesãos, o clero, os oficiais reais, a gente do fisco e da justiça, todos aqueles enfim que vivem de abusos ou de exações, clientela imensa que dá ao regente uma força temível... Por isso, acredita-me, Mahiet, conheço Carlos o Mau muito previdente, para não ter já visto tudo o que perdeu esmagando a Jacquerie, e quanto poucas probabilidades tem agora de usurpar a coroa. Ele deve pensar num convenio eventual com o regente para o caso em que a nossa causa, à qual ele aparentemente ainda é dedicado, seja comprometida ou perdida...
—O quê! Carlos o Mau tratar com o regente?
—Tudo mo prova!... A conduta do rei de Navarra nestes últimos tempos, mostra um homem fluente entre a ambição de subir ao trono, e o medo de uma derrota, que pagaria com a vida e com a perda dos seus domínios. Manda-nos alguns reforços insignificantes, porém recusa entrar em Paris, aceita o título de capitão-general da nossa cidade, porém a rainha sua mãe tem frequentes entrevistas com o regente. Enfim, meu amigo, nada de ilusões; o momento é crítico. O partido da corte explora as desgraças públi-

MATERIAL ELÉCTRICO
MONTAGENS E REPARAÇÕES
FORÇA MOTRIZ
LOPES & VALÉRIO, L.DA
(ELECTRICITY)
ABAT-JOURS EM ARAME
Rua Nova do Almada, 16
LISBOA

SALVADOR BARATA L.
Fabricantes dos ALVAIADES marca **GAIVOTA** e únicos depositários do **PO RODRIGUES**
RUA DOS GONÇALVES N.º 19-A LISBOA
A VENDA em todas as Drograrias, Mercarias e Lojas de Ferragens

Policlinica da Rua do Ouro
Entrada: Rua do Carmo, 98
Telefone N. 5353
Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando Narciso—A's 1 hora.
Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Viar—4 horas.
Fisio e fisioterapia—Dr. Miguel Magalhães—10 horas.
Fisio e fisioterapia—Dr. Correia Figueiredo—11 a 3 horas.
Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Loff—4 horas.
Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—2 horas.
Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mário Oliveira—4 horas.
Estômago e intestinos—Dr. Mendes Belo—3 horas.
Doenças das senhoras—Dr. Emilio Paiva—2 horas.
Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Romão—3 horas.
Boca e dentes—Dr. Armando Lima—10 h.
Cancro e radio—Dr. Cabral de Melo—4 horas.
Raios X—Dr. José de Pádua—4 horas.
Análises—Dr. Gabriela Beato—4 horas.

Mata Seções
Tem mais de 36 anos de bons resultados
Dão-se 50\$00 a quem provar que as **Pilulas Mata Seções**, para seções, febres e maleitas não fazem efeito. Vendem-se em caixas de 6, 12 e 24 pelo correio, a 4\$50, 8\$00 e 13\$50.—38, Rua João Afonso, 42—SANTAREM.

João M. R. Martins
(Médico registado)
Vendem-se em todas as terras do país—Grandes descontos aos revendedores.

Pedras para isqueiros
METAL AUER, as melhores do mundo. Um milhão, 2\$00. Por quilo, grandes descontos. Isqueiros AUSTRIA e PORTUGAL, tubo largo, boa niquelagem, dazia 2\$25. Tubos fechados e abertos, lampiões, bicos, moedas, rodas e massas. Pedidos ao único representante em Portugal: E. ESPINOSA, FILHO.—Rua Andrade, 46, 2.º—LISBOA.

MADEIRAS
Nacionais e estrangeiras, de cor, para marceneiros, serradas em todas as grossuras. **MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO**
Sabino da Silva
Largo dos Inglesinhos, 50—LISBOA

REVISTAS
Escola Nova, da Ass. dos Professores de Portugal... 900
La Revista Blanca em espanhol... 1\$60
Renovação, vários tomos... 1\$50
EM ESPANHOL
Redolfo Rocher... 1\$300
Artistas e Rebeldes... 1\$50
Bolshevismo e anarquismo... 1\$50
—A Crise do anarquismo... 1\$50
DR. ARMANDO NARCISO
Médico do Hospital de Santa Maria
CLÍNICA MÉDICA
Consultório: Travessa Nova de S. Domingos, 9 (à Rua do Amparo)
Residência: Rua Nogueira e Sousa, 17, ao Luciano Cordeiro

Biblioteca de Instrução Profissional

Manuais de officios

Construção Civil

Materiais de construção

Considerações gerais. Pedras de construção, aviaamentos, cal, areias, pozolanas, gessos e produtos cerâmicos. Materiais para construções, ferro, metais e substâncias diversas, etc., por JOÃO EMILIO DOS SANTOS SEGURADO.

1 volume de 440 páginas, encadernado em percalina... 20\$00

Terraplenagens e alicerces

Estudo sobre terraplenagens, isto é, sobre os movimentos da terra, escavações, aterros, transporte, preços, Reconhecimentos de terreno por meio de pesquisas e sondagens, diversos sistemas de fundações, Drenagens, Descrição geral dos andaimes e escoreamentos empregados nas construções. Elementos orçamentais, por JOÃO EMILIO DOS SANTOS SEGURADO.

1 volume de 230 páginas, encadernado em percalina... 13\$00

Trabalhos de Carpintaria Civil

Descrição de ferramentas. Estudo de samblas, máquinas, aplicação das madeiras nas construções civis, vigamento de sobrados, madeiramento dos telhados, cálculos, construções ligeiras de madeira, portas, janelas, escadas, lambris, etc., por JOÃO EMILIO DOS SANTOS SEGURADO.

1 volume de 385 páginas, encadernado em percalina... 16\$00

Condução de Máquinas

Descrição dos diferentes tipos de máquinas e de caldeiras de vapor; seu funcionamento; regras gerais para a sua condução e conservação; torções; sua classificação e descrição, etc., por CARLOS PEDRO DA SILVA.

1 volume de cerca de 400 páginas, encadernado em percalina... 20\$00

Fogoeiro

Generalidades; noções gerais; combustíveis; caldeiras de vapor; superfície de aquecimento; depósitos de água, de vapor e tubos condutores; caldeiras tubulares terrestres em arimas, de fornalha exteriores e interiores; caldeiras aquitubulares de circulação limitada, livre, acelerada e ligeiras; acessórios de superfície de aquecimento, dos depósitos de água e de vapor e aparelhos auxiliares; combustão de líquidos de gases e de carvão pulverizado; bombas e injectores; locomotivas; condução, conservação, acidentes e avarias nas caldeiras, etc., por ANTONIO MENDES BARATA e RAUL BOAVENTURA REAL.

1 volume de 384 páginas, encadernado em percalina... 16\$00

Formador e educador

Formação e fundição em gesso; endurecimento e bronzeamento do gesso; Material, ferramentas e utensílios para o trabalho em estuque; estale e escaiola; decorações de estuque; fabrico de massas plásticas, por JOSE FULLER.

1 volume de 196 páginas, encadernado em percalina... 12\$00

Fundidor

Descrição e classificação do ferro, sua fusão e maneira de vasar. Materiais para a moldação, preparação e mão de obra. Diferentes processos de moldar. Fornos diversos, sua construção e maneira de funcionar. Regras e conselhos para se poder evitar imperfeições na fundição. Ligas metálicas. Cálculo e superfícies e volumes. Cálculos de peso etc., por HENRIQUE FRANCIS DA SILVEIRA.

1 volume de 232 páginas, encadernado em percalina... 13\$00

Pilotagem

Navegação costeira. Navegação estimada. Navegação ortodrómica. Cosmografia. Navegação astronómica. Regulação e rectificação de instrumentos náuticos. Reconhecimento hidrográfico, etc., por GUILLERME IVES FERRAZ.

1 volume de 360 páginas, encadernado em percalina... 16\$00

Diversas indústrias

Indústria alimentar

Trigo, moagem do trigo; panificação. Diversas espécies de pão. Fabrico de massas, aleitrias, bolachas etc., por PEDRO PROSTES.

1 volume de 190 páginas, encadernado em percalina... 12\$00

Indústria do vidro

Generalidades, claria, pates, flutadores, mergulhadores, fornos e preparação de matérias primas. Manipulação do vidro e fabricação do vidro fino. Acabamentos e ornamentação. Vidraça e fabricação de grandes chapas de vidro. Diversas qualidades de vidro, Vetros e objectos de fabrico especial, etc., por JOSÉ MARIA DE CAMPOS MELO.

1 volume de 232 páginas, encadernado em percalina... 12\$00

Serviço de livreria de A BATALHA

Livros em Esperanto

Angla Lingvo sen Professore

Comédia em 1 acto de *Tristan Bernard*, traduzida por Gaston Moch. 1 volume de 44 páginas... 5\$00

Asazio

Tragédia em 5 actos de *Sventohovski* traduzido pelo dr. Leono Zamenhof. 1 volume de 157 páginas... 8\$00

La Avarulo

Comédia em 3 actos de *Molière*, tradução de Sam Meyer. 1 volume de 64 páginas... 5\$00

La Barbiro de Sevilla

Comédia em 4 actos de *Beaunarchais*, tradução de Sam Meyer. 1 volume de 64 páginas... 4\$00

Bilobulobulo

De *Thora Goldschmidt*. Excelente para conversação e para fixar palavras, com inúmeras estampas elucidativas; é indispensável. 1 volume encadernado... 15\$00

Chaves de Esperanto

Pequenas, absolutamente portáteis, esplêndidas como auxiliares para propagação, conteúdo gramática e vocabulário... 1\$50

Elektitaj Premioj

De *Henri Heine*, tradução de Friedrich Pillath. 1 volume de luxo... 2\$00

La Elementoj kaj la Vortaro

De *Cefer*, Gramática e sintaxe em Esperanto. Muito interessante. 1 volume de 64 páginas... 5\$00

Esperanto el Croix-Rouge

De *Bayol*, Em francês e Esperanto, com a terminologia militar e de enfermagem; precioso para conferências militares, 1 volume... 2\$50

Enciklopedio Vortaro Esperanto

De *Verax*, com explicações em Esperanto e tradução em francês. volume de 284 páginas... 20\$00

Esperantaj Poemoj

De *G. Chr. Dreogendijk*... 2\$35

Esperantaj Prozaĵoj

De diversos autores, 1 volume de 246 páginas... 8\$00

Fantomo en Zúlibo

De *Kolmano Mikszath*, tradução de Engeno Forster... 4\$00

Fatale Sulo

De *Leonel Dalsace*, obra teatral traduzida por E. F. Cense. 1 volume de 318 páginas... 12\$00

Fraulin Suzano

Novela por *Avgjenko*, tradução de P. Medem. 1 volume... 3\$00

Frenez

Dois dramazinhos em 1 acto, original de *F. Pajula-Voljé*. 1 volume de 40 páginas... 3\$00

Fundamenta Krestomatio

Compilação de *L. L. Zamenhof*, autor do Esperanto. Exercícios, fábulas, contos, artigos sobre Esperanto, poesias, etc., livro que todo o principiante deve adquirir. 1 volume de 460 páginas... 15\$00

La Fundo de l' Mizero

De *Vaclav Sirosewski*, tradução do dr. Kabe. 1 volume de 88 páginas... 3\$00

George Dandin

Comédia em três actos de *Molière*, engraçadíssima. 1 volume de 52 páginas... 6\$00

Halka

Opera em 4 actos, texto de *Wolski*, tradução de Antoni Gra... 15\$00

Sokrato

Drama em três actos de *Ch. Richet* tradução de J. Contaux. 1 volume de 100 páginas... 15\$00

Salomé

Drama em um acto de *Oscar Wilde*, tradução de H. J. Bultbois. 1 volume de 40 páginas... 3\$00

Plena Vortaro Esperanto-Esperanta

Por *Emile Boirac*, 2 volumes de 430 páginas... 30\$00

Pervo de Marista Terminaro

Muito ilustrado e compreensível, compilado por *M. Rollet de l'Isle*. 1 volume encadernado de 72 páginas... 5\$00

Salomé

Drama em um acto de *Oscar Wilde*, tradução de H. J. Bultbois. 1 volume de 40 páginas... 3\$00

Sokrato

Drama em três actos de *Ch. Richet* tradução de J. Contaux. 1 volume de 100 páginas... 15\$00

Salomé

Drama em um acto de *Oscar Wilde*, tradução de H. J. Bultbois. 1 volume de 40 páginas... 3\$00

Plena Vortaro Esperanto-Esperanta

Por *Emile Boirac*, 2 volumes de 430 páginas... 30\$00

Pervo de Marista Terminaro

Muito ilustrado e compreensível, compilado por *M. Rollet de l'Isle*. 1 volume encadernado de 72 páginas... 5\$00

Salomé

Drama em um acto de *Oscar Wilde*, tradução de H. J. Bultbois. 1 volume de 40 páginas... 3\$00

TODOS OS PEDIDOS de livros devem ser feitos por meio de carta registada na qual será enviada a importância respectiva, acrescida do correspondente custo do porte de correio e registro.

Os preços de porte são os seguintes:
Continente — Pacote até 2 quilos, cada 50 gramas, \$10. Encomendas postais, até 1 quilos, \$5\$0.
Brasil e países da União Postal — Pacote até 2 quilos, \$32 cada 50 gramas.
América do Norte — Pacotes até 5 quilos, \$8\$50.



Os Empregados de Escritório e as suas assembleias divisionárias

Um organismo que volta à sua primitiva nulidade

Antes de descrever o que foram estas assembleias, dado nos seja fazer um pouco de história, embora sem bulir em nomes, para não agravar ninguém.

1911, um ano após a vitória republicana, os empregados de carteira em Lisboa, numa ânsia de liberdade e conquistas características economicamente fundaram a sua associação de classe. Não faltou lá o bilhar. Crisava-se o café, servido nas salas qual clube dançante. Em breve regorgitou o salão de damas que punham no ambiente tonalidades harmoniosas de cor e beleza. Chegava ao auge. Esse apogeu em nada porém havia beneficiado a classe que ali ingressara. Passava de mil o número de sócios que pagavam as suas cotas e não atingia a uma centena os que se estiravam nas cadeiras sorvendo tragos de belo café ou coçando a setinosa epiderme da sua dama.

O protesto foi surdo mas por vezes chegou alto o seu rumor. A debandada foi grande e, em pouco, sem se saber bem porquê, o bom do Sampaio acumulava os vários cargos. E quem procurasse ali desde o confínio ao vogal do Conselho Fiscal, o presidente ou os secretários encontrava tudo na mesma encarnação.

E' que a associação não preenchia os fins para que fora criada. Para clube *chic* faltava-lhe muito, como sindicato profissional era um mito.

Inflam ficado, porém, alguns que começavam a encerrar a *questão social* nos seus devidos termos, e houve mutação.

Rápido a Associação dos Empregados de Escritório reboou com um eco; e quasi o escândalo. Os velhos fogem espavoridos, mas os novos aguerridos correm até ela. Firmase, impõe-se como um laboro erguido sobre um pantano, uma rosa rubra e forte a desabrochar num monturo.

Mas na vida é tudo assim: Irrompe-se nas primeiras idades. O ímpeto caracteriza a ascensão. Vem as crises de crescimento e formação; a puberdade, a adolescência; e aqui a crise é maior, às vezes fatal. Surge a maturidade e a transição é prolongada.

Em qual dos estádios estaria agora a Associação dos Empregados de Escritório? Talvez no terceiro. Era a adolescência. Um estado enfermo carece um enfermeiro bom. Nem brande nem duro, mas contudo consistentemente enérgico. Surge, porém, um estovado e o enfermo perde-se.

Eis o que está sucedendo aos empregados de escritório, para quem uma direcção acaba de aplicar, em vez da alimentação sólida e conscientemente sindicalista, integrando esta classe à cabeça do movimento reivindicador, organizando um sistema novo de vida social, um sóro falso que a levantará talvez um pouco do letargo que a prostrava, mas, porque lhe corré as suas melhores energias a far cáir de vez e a breve trecho.

Como, sem loucura se poderá alimentar a pretensão de levar as associações de empregados do comércio para a *Internacional Vermelha*, se de antemão quem lhe conhece a psicologia sabe que conscientemente nem espírito republicano a grande maioria dos seus membros assimilará ainda?

Seria esse gesto uma maldade?

Talvez...

Foi no dia que se iniciaram sessões de assembleia geral para tratar o assunto da *suspensão temporária da cotização para a C. G. T. e C. S. T.* Manuel de Figueiredo foi o primeiro a usar da palavra justificando o requerimento convocatório daquela reunião e condemnando aquela medida, que a presente direcção já havia posto em prática sem a sanção duma assembleia e sem conhecimento até do Conselho Fiscal, corpo especialmente criado nos organismos corporativos para estudar a questão financeira a que eles se têm reportar. Manda para a mesa uma moção que entrega a solução do assunto ao estudo em conjunto pelo Conselho Fiscal e Direcção e cujos resultados serão presentes a outra assembleia especialmente convocada para estudar e sancionar as medidas que aqueles corpos lhe apresentem e que ela tome por boas.

A sessão corre agitada, por vezes sem elevação, característica de todas ou quasi todas as assembleias a que vimos assistindo agora, e em que acima de princípios se põe os interesses partidários. Como se não quere por claro o ponto de vista que se procura atingir servem-se os indivíduos da mentira para velar fins pouco confessáveis.

Chocam-se os números. Oradores há que os copiam e sabem jogar e bem com eles. São dos nossos melhores contabilistas. Não mentem. São demasiado honestos e isso lhes deveria ser levado à conta, mas a direcção tem empenho em salvar os actos descriptórios de se colocar acima do estatuto e por isso levou aquela reunião indivíduos que nunca entraram naquella sala.

A sessão segue palvrosa, estéril, num quasi *dirás tu, dirás eu*, por vezes vergonhoso para indivíduos que têm obrigação de manter uma linha de conduta impecável pelas afirmações anteriormente feitas.

A direcção defende-se com furor. Sente-se em terreno falso. Há momentos que parece que estamos numa assembleia de acionistas de qualquer companhia exploradora em decadência. Fala-se só de dinheiro. Toda a discussão é feita em volta de certas quantias: as pagas, as que se hão de pagar, e ao interromper a sessão, porque passe da meia noite e a autoridade não consente que ela continue, verifica-se que defendemos os princípios sindicais de que a classe coopere com as demais organizações, mantendo as relações com os organismos centrais uns 20 indivíduos.

Defendeu o ponto de vista contrário a própria Direcção e um *«pesso morto»* de duas dezenas de indivíduos que indiferentes à questão social não compreendem porque se deva ter relações *«com trabalhadores»* aos quais na sua maioria eles se referem com um certo ar superior.

A segunda sessão decorreu sem interesse, a não ser a exposição de Silva Campos, delegado da C. G. T.

Ele demonstrou abalmente que a qual

FIXANDO DOCTRINAS A PROPÓSITO DA REPRESSÃO

A repressão resulta da razão directa da debilidade dum regime e da força da opposição

Os governos consideram a repressão como uma manifestação de autoridade moral que eles possuem e de solidez do seu poder.

Quando a policia, sempre servil, persegue os militantes subversivos, quando a magistratura prodigaliza as mais iníquas condenações e os mais duros castigos aos propagandistas e aos homens de acção de uma organização revolucionária ou de agrupamentos anarquistas; quando o exército, sempre às ordens dos poderes constituídos, massacra o povo revoltado; quando as prisões abarrotam de detidos e as terras de proscricção, de exilados, o governo imagina que a severidade que emprega contra os seus adversários, marca a medida da sua força e a debilidade dos seus perseguidos.

Em verdade, tudo isto não tem mais que uma falsa aparência e a Razão e a História se encarregam de demonstrar o contrário. Dispensável é observar o reflectir muito para se adquirir a convicção de que a repressão empregada com o objectivo de quebrar o esforço aos que combatem o regime presente, demonstra a impopularidade e a fragilidade do mesmo regime e é uma prova de descrédito dos seus mantenedores.

Sobre este ponto consultemos a razão e escutemo-la.

Ela nos diz que um governo verdadeiramente popular, amado pelo seu povo, não tem necessidade de recorrer à violência; a confiança que inspira aos seus governados, junto com o respeito e a simpatia criada pelo talento e virtudes das suas instituições e daqueles que as regem, constitue o meio mais seguro para manter o povo dócil, o qual se inclinará favoravelmente pela autoridade, devido ao prestígio dos seus chefes.

Fica de antemão demonstrado que quanto mais popular é um governo, menos uso fará da violência.

Continuemos a apreciar o absurdo: Suponhamos um regime de liberdade tão positiva, de tão estrita liberdade e tão real igualdade, que deliberadamente fora aceite pela totalidade daqueles a quem se applica.

E' evidente que um tal regime repousaria sobre bases de uma solidez a toda a prova, sendo também evidente que o sobredito regime não suscitaria nem o insubordinamento nem o protesto nem a insubordinação, e portanto a repressão não encontraria ensejo para se exercer. Um regime desta natureza não poderia ser sobre-

tido com que se tem contribuido para a C. G. T. atingiu, em 1924, uma média de 9500 mensais e nestes meses de 1925, 109800, números redondos, daí a estranheza de que na sua circular *«referendum»* se compulsa a cotização em 140900, também média.

Em resposta a direcção aduz considerações falhas de lógica e flagrantemente forçadas que, só aquela parte, que nada sabe do que seja organização de classe, aceita. E assim se arrasta até à meia noite, hora em que da entrada na mesa uma moção de Ramos Paz que reza assim:

Considerando que a actual direcção depois de compulsar as receitas com que conta não pode fazer face às despesas inerentes, senão deixando de contribuir temporariamente para a C. G. T. e C. S. T., esta assembleia resolve, dando o assunto por discutido:

I.—Ratificar a sua confiança a esta Direcção.

II.—Suspender temporariamente a cotização a C. G. T. e C. S. T.

Esta moção foi admitida mas não discutida pelo adiantado da hora.

A terceira e a última sessão o *pesso morto* era maior e a direcção está radiante mostrando confiança, não na justiça do seu acto, que ela mal discute, mas no número com que conta.

Como a discussão se prolongasse e a direcção sentisse que a ocasião seria a única para *«levar a agua ao seu moinho»* que neste caso é acceitar com aquele organismo para o *partido comunista*, ela por um dos seus membros requere a votação da moção de Ramos Paz.

O resultado da votação foi de 17 contra 31 e a Associação de Classe dos Empregados de Escritório desligou-se dos organismos centrais aos quais difficilmente voltará a juntar-se.

J. CAMPELO

Pró-familia de Filipe José da Costa

Por motivo de força maior fica adiada a recita que devia realizar-se no dia 30 do corrente para o dia 20 de Setembro, no Salão da C. Civil, com o seguinte programa: representação das peças *«Bandidos»* e *«Mentira»*, pelo Grupo Dramático *«Solidariedade Operária»*, certamen de fados pelos grupos *«Propagadores do Fado»* e *«Cultores do Fado»*.

Abreilhanta o espectáculo o grupo musical *«O Cravo»*.

Pró-Francisco Espanhol

Promovida pela Secção Profissional dos Pedreiros do S. U. C. Civil, realiza-se, no próximo sábado, uma recita a favor de Francisco Espanhol.

Quem desejar bilhetes deve dirigir-se à sede da Secção.

Pró-Viúva de José Fernandes Figueiredo

A viúva de José Fernandes Figueiredo, há pouco falecido, declara-nos ter recebido, para custear as despesas com o funeral d'este, as quantias de 101500, proveniente duma quete tirada nos arredores de Palma; 122575, de outra nas obras do novo Manicó; e 23900, duma outra tirada numa recita.

DENTES ARTIFICIAIS a 25500. Extracções sem dor a 15500. Concertam-se dentaduras em 4 horas a 20500. Dentaduras completas sem placa em *«cauché»*. Consultas das 11 da manhã às 8 da tarde.

MARIO MACHADO

R. Garrett, 74, L.º (Chiado)

levado por nenhum governo; isto seria a anarquia.

Chegamos portanto à conclusão de que um regime capitalista e autoritário, não pode conceber-se senão amparado na repressão, porque tendo em conta a divisão existente entre ricos e pobres, o capitalismo produz inevitavelmente, e sob as mais variadas formas, o ódio e a rebeldia dos explorados contra os exploradores.

Divididos os indivíduos em governantes que mandam e governados que se encontram na obrigação de obedecer, o Estado engendra inelutavelmente e sob diferentes aspectos a cólera e a insurreição dos servos contra os aanos.

Pobres e governados não se dirigem somente contra tais exploradores ou tais opressores, mas sim dirigem-se contra as formas de exploração e opressão a que se vêm submetidos. Dirigem-se contra as instituições que consagram e protegem essas formas. Dirigem-se contra o regime que se apoia sobre estas instituições, ameaçando directamente o próprio regime.

Na realidade o facto é assim: a rebeldia não cresce, a efervescência não se produz, a insurreição não estala, senão à medida que as causas do descontentamento e da indignação se vão multiplicando e agravando gradualmente.

A opposição, representando, desde os elementos mais moderados aos mais revolucionários, desde os partidos pacíficos aos mais impulsivos, a opposição diziamos, levanta-se resoluta enérgica e inflexível contra o regime que ela acusa e pretende destruir.

Assim atacado o regime, defende-se e utiliza as forças de repressão de que dispõe. A natureza destas forças de repressão e a ferocidade com que a autoridade as emprega, são condicionadas pela intensidade da revolta, a gravidade da situação e a iminência do perigo.

Um governo forte, nunca faz uso de tais processos e, pelo contrario, só um governo debilitado pela acumulação dos seus erros, das suas faltas e dos seus crimes, se vê na necessidade de resistir aos ataques que lhe são dirigidos e de cair no terreno da violência, das arbitrariedades e das crueldades que sintetizam a repressão.

A repressão, pois, não quere dizer solidez dum regime ou de um governo, antes pelo contrario, ela é originada na força da opposição.

Sebastião FAURE

PROPAGANDA SINDICAL

Os textéis do Norte

Realizou-se uma sessão em Alameda

GUIMARÃES, 24.—Conforme fora anunciado, a pesar do tempo ser tempestuoso, com grandes e constantes aguaceiros, realizou-se ontem, já no fim da tarde, uma sessão de propaganda sindical, no lugar de Alameda, com grande concorrência de operários textéis de ambos os sexos. Se não fora o estado do tempo muitos operários dos arredores teriam assistido também.

Abriu a sessão A. Alves de Sá, seguindo-se-lhe Júlio de Campos, que incita os presentes a que se organizem dentro do seu sindicato profissional, e nelle estudem todas as questões de carácter moral e material que lhes dizem respeito, pois só escudados nos seus organismos de resistência os trabalhadores poderão conquistar aquilo a que têm direito.

Libório, da Delegação Confederal de Propaganda do Norte, refere-se ao estado miserável da classe trabalhadora, em especial a classe textil de Carrinhos, Negrelos, Adelfes e Riba de Ave, pois sendo uma das que mais operários emprega é sem dúvida a que mais miserável vive, devido ao estado de desorganização em que se encontra; diz da necessidade d'esses trabalhadores se organizarem pelas vantagens que daí lhes advirão.

Termina com palavras repassadas de revolta contra a infame exploração de que são vítimas os trabalhadores na industria textil, terminando a sessão com entusiasticas vivas aos textéis do Porto, C. G. T., etc.—E.

INTERESSES DE CLASSE

Vendedores de Jornais do Porto

A comissão administrativa da Liga dos Vendedores de Jornais de Lisboa, tendo reunido com a presença do delegado dos vendedores do Porto, António Luis Leites, resolvendo enviar aos diários: *Século*, *Mundo*, *Diário de Notícias* e *Correio da Manhã* a seguinte reclamação: «que o agente exclusivo de jornais de Lisboa no Porto, satisfaca a quantidade de jornais requisitada pelos vendedores; que o mesmo agente não seja autorizado a vender directamente ao publico no balcão da estação de São Bento (Porto); que a venda seja feita logo após a chegada da remessa a São Bento e ao mesmo tempo para todos os vendedores, a exemplo do que se faz em Lisboa».

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 11 desta revista intitulada *«El Hijo de Nadie»*, de Federico Urales. — Preço, \$50. — Pedidos à administração de A Batalha.

A roça do Beato da Moagem

A fábrica de moagem do Beato pertencente à Companhia Nacional de Alimentação e ultimo sobrinho da Moagem é uma autentica roça. Os operários vivem sob uma disciplina caserneira que quasi os não deixa respirar.

O sr. Ermete Pires aconselhou o pessoal operário a não vir queixar-se aos jornais das violências que são vítimas.

Ora aqui está um conselho desinteressado: os operários que sofram e não digam nada — principalmente aos jornais. Mais um pouquinho de vontade e o sr. Ermete Pires transformava a fábrica num presídio, proibindo aos operários de ir dormir a casa.

J. TIAGO

“A BATALHA” No Funchal vende-se

Presse: No Bureau de L.

Uma grande greve nas plantações de açúcar das ilhas de Sandwich

Os indígenas das ilhas Filipinas que trabalham nas plantações de açúcar de Hawaii, nas ilhas Sandwich, declararam-se em greve para melhorar a situação miserável em que vivem.

O governador norte-americano do território, um dos principais accionistas das companhias açucareiras, poz ao serviço destas todas as forças repressivas de que dispunha. Em vários recontros que se deram entre a força armada e milhares de grevistas houve uma grande quantidade de mortos e feridos.

Os senhores feudais dos engenhos de Hawaii viram-se obrigados pela força de resistência manifestada pelos grevistas a satisfazer uma parte das suas reclamações, mas, depois de resolvida a questão, trataram de se vingar dos prejuizos que lhe causou a rebeldia dos seus escravos.

Para vítima escolheram o trabalhador filipino, Paulo Manlapit, um dos que mais se distinguiram na luta, e sob a acusação de ser ele o dirigente da greve foi condenado a uns poucos de anos de cadeia.

O *«sheriff»* David K. Trask e as informações da policia deram-nos como inocente dos crimes que lhe apontavam, mas a pesar disso o Supremo Tribunal confirmou-lhe a sentença.

A greve geral de solidariedade aos empregados bancários

Em Marselha mais de vinte mil manifestantes, pertencentes a todas as corporações e sem distincção de sindicalismo, acabam de dar uma prova de solidariedade aos grevistas bancários.

A greve geral, decretada oficialmente a noite precedente, na Bolsa do Trabalho, foi executada com uma disciplina perfeita.

Devido a uma espécie de contágio, digamos assim, pouco a pouco as lojas e armazens começaram fechando as portas, de maneira que ao meio dia a cidade parecia estar mergulhada no silêncio estranho dos dias de luto.

Nem um automóvel, nem um carro eléctrico circulavam. Nenhum carteiro distribuiu correspondência nesse dia. Os caes estavam desertos, pois os inscritos marítimos e os trabalhadores do porto tinham faltado ao trabalho.

Quanto à manifestação, esta realizou-se numa ordem admirável, tendo-se efectuado na avenida Meilhan um *«meeting»* formidável. Os dois oradores habituais dos grevistas bancários fizeram uso da palavra perante os vinte mil operários calmos e silenciosos.

Um único incidente se produziu durante esta manifestação de greve geral.

O secretário geral do sindicato dos empregados do comércio, a frente de um grupo de amigos, quando se dirigia a um armazem reclamando o seu encerramento immediato, foi preso pela policia, mas a tarde foi mandado em liberdade.

O que se deve notar nesta greve de 24 horas, é a unanimidade com que ela foi declarada e a moralidade que se tira dos acontecimentos é que a força operária na verdade é um facto, facto bem poderoso, com que as classes parasitárias devem contar daqui para o futuro.

Em Paris a greve continua no mesmo pé, isto é, luta *«a outrance»* até fazer vergar perante as reivindicações apresentadas, a cubia infrene dos banqueiros franceses.

O operariado litográfico e a próxima realização do Congresso Gráfico

Em breve a classe gráfica vai reunir em congresso para estudar assuntos da mais transcendente importância. A realização desta grande reunião da família gráfica, em si, é um acontecimento que de todo não pode passar despercebido à classe litográfica. Embora haja alguém que não veja qualquer resultado pratico da sua realização, esse alguém, em face dos problemas de grande alcance social que a essa reunião vão ser presentes, sentir-se há possuido do grande desejo de que dela saiam resultados proficuos para o futuro das classes gráficas.

A classe litográfica é demasiadamente agarrada ao espirito rotineiro, e por isso não atribui a estas demonstrações de organização e de aperfeiçoamento dos métodos de luta a latidade que nós desejávamos.

Mas, todavia, cremos que esta norma nem sempre deve ser apañado da classe e ante estas demonstrações de aperfeiçoamento dos métodos sindicais ela sentirá o desejo de que todas as condições da vida sejam melhoradas.

São de tal envergadura os assuntos que se vão tratar que não pode a classe litográfica manter-se indiferente como temos observado até aqui. A constituição dos sindicatos de industria, dos conselhos técnicos, a defesa da mulher e do aprendizado, etc., devem ser por nós encarados como um grande passo dado para o nosso aperfeiçoamento moral e profissional. A tese *«A defesa da mulher na industria e do aprendizado»* é dum grande alcance social.

A exploração e o vexame de que são vítimas as nossas companheiras de trabalho devem prender a nossa atenção, e de futuro devemos evitar por todos os meios ao nosso alcance que se observem aquellas anomalias que nos é dado constatar.

Verifica-se dentro das oficinas uma tal depravação moral que os sindicatos a que pertencemos têm que enectar uma forte reacção para evitar certos e determinados casos que só desprestigiam a nossa classe.

E' dum alto principio moral nos encarmos a sério todos estes assuntos para que, num futuro mais ou menos proximo, a mulher, ao contrario do que hoje succede, não olhe com indiferença o Sindicato, mas sim com, tendo a convicção que só junto dos companheiros de trabalho reivindicará aquilo a que tem jus, venha até ao seio da organização sindical.

J. TIAGO

“A BATALHA” No Funchal vende-se

Presse: No Bureau de L.

VIDA SINDICAL

C. S. T. L.

Comissão instaladora

Reúne hoje, pelas 21 horas.

C. G. T.

Comité Confederal

Reúne hoje, pelas 20,30 horas.

Conselho Confederal

Sessão de 25 de Agosto

Foi constituída a mesa por Francisco Vianna, Henrique Marques e Manuel Ferreira da Silva, respectivamente presidente e secretários e também respectivamente delegados da U. S. O. de Olhão, Texteis da Covilhã e U. S. O. do Porto.

Representados os seguintes organismos: Unioes de sindicatos: Lisboa, Porto, Alameda, Seixal, Setúbal, Faro, Olhão e Portimão; federações de industria: Rural, Construção Civil, Metalúrgica, Mobilíaria, Livro e Jornal, Corticeira, Vinícola, Ferroviária e Empregados no Comércio; sindicatos isolados: Mineiros de Aljustrel, Mineiros de S. Domingos e Texteis da Covilhã.

Do expediente constava um officio do Sindicato do Pessoal dos Caminhos de Ferro de Sul e Sueste, indicando a data das sessões que vai realizar em várias localidades daquela linha.

Antes da ordem de trabalhos Alfredo Pinto trata do caso de os Ferroviários do Minho e Douro indevidamente estarem apodando nas cadeiras confederais uns sellos privativos. Verberando também essa attitude, pronunciam-se Henrique Rijo, M. J. de Sousa, Lúcio Costa pelo comité confederal que comunica ter este já dado aqúelle Sindicato todas as facilidades para que mantenha uma situação regular para com a C. G. T.

Sobre o assunto pronunciam-se ainda Jerónimo de Sousa que qualifica aqúelle procedimento de abusivo e M. J. de Sousa e Faustino Ferreira que opinam porque o Comité esclareça junto d'aquelle organismo ferroviário a situação em que o mesmo se collocou.

Silvírio dos Santos (Federação Corticeira) comunica ao Conselho a existência dum conflito suscitado por uma resolução da Federação Marítima a propósito de cargas e descargas nas fábricas de cortiça, e elucida também da pretensão do industrialismo da sua industria em baixar os salários em 20 %. Por requerimento de M. J. de Sousa foi resolvido que estes assuntos baixassem à Secção de Federações.

Ordem de trabalhos

M. J. de Sousa, pelo Comité Confederal e agregados do conhecimento dos trabalhos efectuados de preparação para o Congresso Confederal, e que o Comité tem em vista fazer incidir a propaganda nos pontos onde ela for mais necessária e até onde o permitam os fundos confederais. Em seguida comunica o que há tratado sobre a constituição da Federação Têxtil e que para a necessária propaganda o Comité já habilitou a Delegação Confederal do Norte. Jerónimo de Sousa (U. S. O. do Porto) alvitra, no caso que seja materialmente possível, que se envie um delegado directo ao Norte, a colaborar nos trabalhos atribuídos agora à delegação dali, o que o Conselho aceitou.

Apreciada em seguida a acção desenvolvida e a desenvolver pelo Secretariado Confederal da Propaganda ante o conflito da Federação Marítima, essa acção foi aceite unanimemente.

Foi lido um circunstanciado relatório sobre os motivos originários da suspensão de relações com a C. G. T. pelos Sindicatos do Pessoal do Arsenal do Exército e da Marinha, sendo sobre o assunto, pelos delegados da U. S. O. do Porto, apresentada a seguinte proposta que foi aprovada:

«Atendendo que a acção divisionista que vem de ser observada merece ser historicada e arquivada para que a todo o tempo sejam conhecidos os culpados da desunião operária em Portugal, propomos que, oportunamente, toda a historia documentada seja editada em folheto.»

Como 4.º numero da ordem foram nomeadas duas comissões revisoras de contas da C. G. T. e de A Batalha, recaindo a escolha, respectivamente, nos seguintes delegados: Delim Pinheiro, Mário Pinto, Joel Pontes, Virgílio de Sousa, Faustino Ferreira e Inácio Marques.

E' lido em seguida o relatório do delegado enviado a Beja afim de conhecer das manobras divisionistas que deram azo à aparição em publico e num manifesto do label confederal ao lado dum label da federação comunal. Sobre ele pronunciam-se vários delegados, sendo aceite.

Por fim, o Conselho occupou-se do ataque calunioso que vem sendo feito a alguns militantes da organização confederal, considerando-o não só atentatório das dignidades pessoais como visando à desagregação das fileiras operárias, sendo resolvido que em A Batalha se lhe responda convenientemente, de forma a salvaguardar a honrabilidade dos militantes e a dignidade da C. G. T.

A propósito, Manuel Joaquim de Sousa refere-se ao facto de, em um jornal comunista, o acusarem de ter gesto à organização 40 escudos por dia em refeições e 10 escudos em cama. Afirma não saber se assim foi, visto que um organismo que o chamou a Setúbal para fazer uns trabalhos para o Congresso das Conservas foi quem, sem o consultar, pagou essas despesas, não sem que elle reflectisse a conveniência de se não sobrecarregarem.

Aguarda-diz—que o organismo em referencia se pronuncie, repondo as coisas nos seus lugares, o mesmo devendo fazer todos os organismos, à volta dos quais os divisionistas urdam campanhas caluniosas.

Em seguida encerrou-se a sessão

COMUNICAÇÕES

S. U. C. Civil.—Secção de Palma.—Reuniu a assembleia geral dando todo o apoio aos delegados que vão representar o sindicato no Congresso Confederal.

Apreciada a actual situação desta secção foi nomeada uma comissão de Propaganda que deverá promover o seu robustecimento por meio de sessões de propaganda sindical.

Reúnem HOJE:

Federação Metalúrgica.—O Conselho Federal, pelas 20,30 horas.

Litógrafos e Anexos.—A's 20 horas a comissão administrativa.

—A' mesma hora a comissão pró-levantamento moral da classe litográfica.

—Os delegados de oficinas devem comparecer com os verbetes, para prestarem contas e levarem O Gráfico.

Encadernadores e Anexos.—A comissão administrativa pelas 21 horas.

S. U. C. Civil.—Conselho de Secções.—Pelas 20 horas os antigos e os novos delegados a este conselho.

Secção dos Carpinteiros.—A assembleia geral, pelas 21 horas, para apreciar o parecer da comissão revisora de contas do primeiro semestre e outros assuntos.

Secção do Alto do Pina.—A's 21 horas, na sede desta secção, rua Barão de Sabrosa, 81, os militantes das secções da área para tratarem do desenvolvimento da organização da mesma.

Os militantes que não tenham recebido aviso directo ficam por este meio convidados a assistir.

Manipuladores de pão.—A comissão de melhoramentos às 15 horas.

S. U. C. Civil.—Secção dos pintores.—A comissão revisora de contas, às 21 horas.